

A RELAÇÃO ENTRE O LÉXICO E O DICIONÁRIO

Emilia Maria Peixoto Farias *

Resumo

O dicionário tem sido um instrumento valioso ao longo da história das línguas. Apesar da palavra dicionário ter sua origem no Latim, parece que a primeira tentativa de elaboração de uma obra lexicográfica data do terceiro milênio a.C., quando da elaboração dos arquivos lexicais de Ebla. Este trabalho é, pois, uma tentativa de mostrar como diferentes obras lexicográficas registram o léxico para que possamos, a partir dos diferentes registros, sugerir uma prática lexicográfica bilíngüe que possa contribuir para a facilitação do processo de ensino/aprendizagem do vocabulário em línguas de especialidade.

Palavras-chave: *Lexicografia; dicionário.*

Abstract

*Dictionaries have played an important role in the evolutionary development of language history. Although "dicionário" comes from the Latin word *dictionarius*, it seems that the first attempt for making dictionaries dates from the third millennium BC, when the Eblaites stored their lexicon in bilingual lists according to fields. The discovery of Ebla's archives demonstrates that language storage has always been a matter of serious concern. Thus, the purpose of this work is to show how a language is stored in different dictionaries and how useful they can be in the teaching of LSP (language for specific purpose).*

Key words: *Lexicography; dictionary.*

INTRODUÇÃO

Os dicionários tornaram-se, nos tempos modernos, uma fonte de freqüente consulta, principalmente para aqueles que, como nós, buscam desvendar as nuances que envolvem o significado.

Dentro da perspectiva da evolução do homem, os dicionários são parte integrante da história da língua. A palavra dicionário tem sua origem no latim medieval *dictionarius*, que significa "coleção de palavras" de uma língua. Contudo, a tradição de arquivar palavras é atribuída aos Eblaitas, habitantes da região central da Mesopotâmia, ainda no terceiro milênio a.C. A prática lexicográfica desse povo caracterizava-se pela elaboração de listas bilíngües gravadas em pequenas tábuas que, "posteriormente, tornaram-se descobertas de grande valor não somente lingüístico, mas também antropológico e sociológico." (Britannica, 18 1985:385).

A tradição lexicográfica de listar palavras não ficou restrita apenas à Antigüidade, quando, por exemplo, gregos e romanos elaboraram os primeiros dicionários, mas inclui também o período medieval, caracterizado pela multiplicação de listas bilíngües.

Com a evolução das línguas, os dicionários passaram a incluir explicações e comentários a respeito de cada lexema. Hoje em dia, há uma grande diversidade de dicionários, dentre os quais podemos considerar pelo menos três tipos que, segundo Rey-Debove (1984: 64), podem ser assim classificados: (1) o dicionário lingüístico que fornece apenas informações sobre os signos, excluindo a definição; (2) a obra enciclopédica que fornece informações sobre as coisas e inclui a definição e (3) o dicionário de língua que informa sobre os signos e inclui também a definição.

Ainda segundo Rey-Debove (Ibid.), esses tipos de dicionários podem também ser divididos em dois grupos: "o dicionário geral, que trata de todos os signos duma língua dada ou de todas as coisas duma civilização; e o dicionário especial, que só descreve um setor de uma ou da outra"

Dentro da perspectiva da utilização de obras lexicográficas como instrumentos adicionais no processo de ensino/aprendizagem do vocabulário em língua estrangeira, entendemos ser necessária a apreciação da natureza lexicográfica de três obras distintas: o dicionário padrão de língua ou de uso da língua, o dicionário ideológico ou ana-

* Professora do Departamento de Letras Estrangeiras da UFC. Mestre em Letras.

lógico e o dicionário bilíngüe. Essa apreciação faz-se necessária devido ao fato de que cada uma dessas obras possui uma finalidade específica.

O DICIONÁRIO PADRÃO DA LÍNGUA OU DE USO DA LÍNGUA

O dicionário padrão da língua, que engloba os dicionários unilíngües, é o tipo mais comum de dicionário. Na maioria das vezes, apresenta o léxico de uma língua de forma alfabética, fornecendo sobre cada lexema informações variadas como: pronúncia, etimologia, classe gramatical, definição, exemplificação quanto ao emprego e formas sinonímicas. Segundo Biderman (1984:27), “serve como instrumento para orientar os seus consulentes sobre os significados e os usos das palavras, e para que eles possam expressar suas idéias e sentimentos com maior precisão e propriedade possíveis, utilizando o tesouro léxico que a língua põe à disposição dos falantes do idioma.”

A crítica mais severa feita a esse tipo de dicionário diz respeito à maneira como a definição da palavra-entrada (lexema) é elaborada. Biderman (1984: 32) explica que: “a definição de um vocábulo vem a ser uma paráfrase dessa palavra, equivalente a ela semanticamente. Essa paráfrase deve ser redigida em linguagem simples, escorreita e ter sido formulada utilizando-se palavras muito freqüentes na língua, preferivelmente lexemas que façam parte do vocabulário base.”

Ocorre que algumas vezes esse procedimento não é seguido e nos deparamos com a circularidade, ou seja, a definição de um lexema através de outro, sendo ambos tomados como sinônimos, sugerindo inclusive a possibilidade de substituição de um pelo outro, independente do contexto.

Vejamos, como o Novo Dicionário da Língua Portuguesa (1986) define os verbos “arfar”, “ansiar”, “arquejar” e “ofegar”:

Arfar: respirar com dificuldade; ansiar, ofegar, arquejar.(p.161)

Ansiar: respirar com dificuldade e ruidosamente; ofegar. (p.127)

Arquejar: respirar com dificuldade; arfar, ofegar, ansiar. (p.167)

Ofegar: respirar a custo, com freqüentes perturbações e com ruído produzido pelo cansaço; arquejar.(p.1215)

O círculo se fecha com o deverbis **ofego**:

Ofego: respiração difícil e/ou ruidosa; arfagem, arquejo.(p.1215)

Como vimos, as definições apresentadas para cada lexema não apresentam os traços semânticos necessários e suficientes para que possamos distinguir um item do outro. Os termos são aqui tomados como sinônimos quase perfeitos.

O DICIONÁRIO IDEOLÓGICO OU ANALÓGICO

O dicionário ideológico ou analógico tem como característica a organização lexical em campos semânticos, ao contrário do que faz o dicionário padrão, que lista as palavras-entrada em ordem alfabética.

O dicionário analógico não define os lexemas. O seu objetivo principal é a organização dos conceitos em domínios diferentes. Apresenta o léxico através de esquema classificatório, cujas classes incluem os lexemas que compartilham determinados traços semânticos, tornando-os próximos em significado.

A tradição onomasiológica de agrupar lexemas é bem antiga. Segundo Biderman (1984:11), já no século XVII, Comenius foi o responsável pela elaboração do primeiro dicionário dessa natureza.

O *Roget's Thesaurus of English Words and Phrases*, dicionário analógico da língua inglesa, teve a sua primeira publicação em 1852, pela editora Longman, na Inglaterra. A partir de então, essa obra sofreu várias revisões e modificações até chegar à edição que data de 1987, edição que serviu de referência para este estudo. Nessa edição, o léxico da língua inglesa obedeceu ao seguinte esquema classificatório:

- I. “Abstract Relations”
- II. “Space”
- III. “Matter”
- IV. “Intellect:(the exercise of the mind)-“ formation of ideas” and “communication of ideas.”
- V. “Volition:(the exercise of the will)-“individual volition” and “intersocial volition”
- VI. “Affections”

Para Biderman (1984:12) “esse tipo de dicionário que estrutura os conceitos em rede de significação pode ser questionado”. Sua justificativa reside no fato de que o modelo de estruturação de uma língua pode não ser aplicável a outra, pois o léxico de cada língua categoriza o mundo de maneira muito peculiar, ou seja, o modelo classificatório obedece a padrões, não somente sociais mas também culturais, específicos de cada língua e de cada cultura.

No entanto, apesar das diferentes formas de categorizar o léxico, já existem tendências à universalização dos campos classificatórios. Um exemplo dessa tendência pode ser atestado na semelhança encontrada nos modelos classificatórios descritos no *Roget's* (1987) e no Spitzer (1955). Neste último, o léxico da língua portuguesa foi classificado de maneira muito próxima ao modelo aplicado à descrição da língua inglesa. O plano de classificação apresentado por Spitzer é o seguinte:

- I. Relações abstratas
- II. Espaço
- III. Matéria

IV. Faculdade cognoscitiva I. Formação de idéias
II. Comunicação de idéias

V. Faculdade volitiva I. Vontade individual
II. Vontade intersocial

VI. Faculdade afetiva

Parece-nos que com uma aproximação cada vez maior entre as nações, a globalização dos conceitos pode acontecer mais rapidamente. No entanto, entendemos não ser um fim desejável, pois ficaríamos privados da visão particular que cada povo, através de sua língua, tem da realidade.

Assim sendo, concordamos com a afirmação de Lyons (1968, *apud* James 1980: 83) de que “a língua de uma sociedade em particular é parte integral de sua cultura, e (...) as distinções lexicais estabelecidas em cada língua tenderão a refletir características culturalmente importantes de objetos, instituições e atividades na sociedades na qual a língua opera.”⁽¹⁾

O DICIONÁRIO BILÍNGÜE

O dicionário bilíngüe, por sua vez, tem como característica a correspondência termo a termo entre duas línguas estrangeiras. É objeto indispensável nos trabalhos de tradução e versão. A grande crítica feita a esse tipo de dicionário diz respeito à falta de informação e da possibilidade da verificação do uso dos itens consultados em diferentes situações.

Em se tratando de uma das obras lexicográficas mais consultadas por estudantes de línguas estrangeiras, o dicionário bilíngüe, na maioria das vezes, não traz transcrições fonéticas, divisão silábica ou informações sobre pontuação que são tão necessárias aos aprendizes de um idioma. O dicionário bilíngüe, de um modo geral, traz apenas os equivalentes na língua estrangeira, sugerindo uma correspondência biunívoca entre os termos da LP (Língua de Partida) e da LC (Língua de Chegada).

Como mencionamos anteriormente, a nossa intenção é tentar combinar, sempre que possível, a *praxis* utilizada para a descrição do léxico em cada uma das obras lexicográficas aqui apresentadas com atividades pedagógicas na tentativa de minimizar problemas relativos à equivalência entre lexemas de diferentes línguas. Para tanto, sugerimos aqui alguns procedimentos. Sempre que possível, tentar:

a) estabelecer as relações semânticas existentes entre os itens lexicais, que compõem o campo em estudo, a partir do compartilhamento de traços de conteúdo; (dicionário analógico);

b) observar com atenção cada um dos lexemas participantes do campo semântico estudado, a partir traços distintivos apresentados nas definições dos dicionários unilíngües; (dicionário padrão de língua);
c) apresentar para cada um dos termos da LP o seu equivalente na LC, (dicionário bilíngüe), com base no paradigma de definição dos dicionários padrão de língua.

Para alcançarmos nossos objetivos, precisamos ficar atentos à organização semântica subjacente aos lexemas investigados, pois é através dela que a compatibilidade ou incompatibilidade entre os equivalentes pode ser revelada.

Existem também implicações pedagógicas que merecem ser lembradas. Dentre elas, podemos citar, por exemplo, que as relações semânticas entre lexemas podem ser utilizadas tanto para armazenar (*store*) palavras na mente, como também para lembrá-las (*recall*), quando necessário.

Vale ainda ressaltar, que o léxico mental cresce na proporção direta do conhecimento e a cada item lexical novo encontrado, é possível incluí-lo num determinado domínio através das relações semânticas ali representadas.

Segundo Gairns e Redman (1993: 87), “o nosso mapa mental é altamente organizado e eficiente. Se nós armazenássemos as informações aleatoriamente, nós seríamos forçados a recuperá-las aleatoriamente também, o que não seria muito apropriado se considerarmos a velocidade necessária para reconhecer e lembrar uma palavra. Além do mais, é extremamente improvável que organizemos as palavras na mente da maneira feita nos dicionários”.⁽²⁾

Finalmente, acreditamos que o uso de diferentes tipos de obras lexicográficas como elementos facilitadores no processo de ensino/aprendizagem do vocabulário é, sem dúvida alguma, um instrumento valioso capaz de revelar as múltiplas dimensões do léxico de uma língua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BIDERMAN, J. C. (1984). O dicionário padrão da língua. *In: ALFA*. v. 28 (supl). São Paulo: UNESP, pp. 27-43.
- _____. (1984). A ciência da lexicologia. *In: ALFA*. v. 28 (supl). São Paulo: UNESP, pp. 1-6.
- GAIRNS & REDMAN. (1993). *Working with words*. Cambridge: Cambridge University Press.
- JAMES, Carl. (1980). *Contrastive analysis*. Singapore: Longman Publishers.
- REY-DEBOVE, J. (1984). Léxico e dicionário. Trad. Clóvis Barleta de Moraes. *In: ALFA*. V. 28 (supl). São Paulo: UNESP, pp. 45-69.

¹ *The language of a particular society is an integral part of its culture... The lexical distinctions drawn by each language will tend to reflect the culturally important features of objects, institutions and activities in the society in which the language operates.*

² *Our “mental lexicon” is highly organized and efficient. Were storage of information haphazard, we would be forced to scan in a random fashion to retrieve words; this simply is not feasible when one considers the speed at which we need to recognize and recall. Furthermore, it is extremely improbable that we organize words in the brain as a dictionary does.*

DICIONÁRIOS

Britannica world language dictionary. (1985).
Encyclopaedia Britannica, Inc. v. 18.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. (1986). *Novo di-*

cionário da língua portuguesa. 2 ed. rev. amp. 43 imp.
Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

ROGET'S, (1987). *Thesaurus of English words and phrases*
. 12 ed. rev. England: Longman Group UK Limited.

SPITZER, Carlos. (1955). *Dicionário analógico da língua*
portuguesa. Porto Alegre: Livraria Globo S. A.